SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE UM VIGARISTA

JULIO ABREU

Nos princípios do ano calamitoso de 1888, aportava a Fortaleza uma trinca de gatunos composta dos espanhóis Antônio Santos e Serafim Grau y Ferrer, alcunhado **Catalão,** e do italiano Carlos Meynard, tendo-se hospedado no **Hotel de l'Univers,** pertencente ao francês Pedro Hipólito Girard, localizado na outrora praça José de Alencar e rua da Boa Vista (atual Floriano Peixoto).

Bem afeiçoado, trajando com esmêro, usando brilhantes nos dedos e na gravata, **Catalão,** o mais arguto do bando, de logo conseguiu iludir a ingênua e imprevidente sociedade de Fortaleza, conquistando certa consideração entre pessoas de distinção.

Sem nenhuma profissão, assim como os seus parceiros, sôbre os quais preponderava, **Catalão** fazia do jôgo sua única ocupação, freqüentando de dia as tavolagens de gente baixa (como se verificou mais tarde) e à noite os clubes **Cearense** e **Iracema,** nos quais jogava com elementos de relêvo.

Uma das primeiras aproximações que tiveram êsses meliantes em Fortaleza foi com o paraibano Antônio Coelho de Brito e Albuquerque, alcunhado **Bolinha** (por causa de um jôgo que fazia com três pequenas bolas) e de quem certamente já haviam colhido informações **satisfatórias.** A pretexto de levar para a serra de Baturité a espanhola com quem vivia, Antônio Santos conseguiu ser apresentado a **Bolinha** que, embora residindo naquela serra, onde se fizera abastado agricultor, vinha freqüentemente à capital.

O encontro dos dois deu-se no Passeio Público, onde conversaram sôbre a pretensa viagem, combinando-a para determinado dia. Terminada esta primeira parte da farsa, Antônio Santos passou lo-go à segunda, e declarou pertencer a uma sociedade que percorria

várias províncias do Brasil passando dinheiro falso, mas fabricado com tanta perfeição a ponto de não ter sido descoberto em parte alguma. Bolinha mostrou-se desejoso de conhecer o tal dinheiro falso, tanto quanto o outro interessado em fazer algum negócio.

Nessa ocasião, aparecem inopinadamente os dois outros gatunos, que espreitavam aquêle encontro, tendo Antônio Santos feito a devida apresentação, com a informação de que se tratava de dois participantes da mencionada sociedade. Nova entrevista ficou então combinada para o dia seguinte, desta vez no quarto que Catalão ocupava no hotel.

Neste segundo encontro, Bolinha examinou com o maior interêsse algumas notas de diversos valores que lhe foram apresentadas pelos chantagistas, tendo ficado maravilhado com a perfeição das mesmas, não hesitando em fazer negócio.

Discutidas as bases, ficou acertado que Bolinha daria à quadri-lha a quantia de nove contos de réis em notas do Tesouro Nacional, recebendo vinte contos em cédulas falsas, estabelecendo-se que a permuta se realizaria no dia seguinte, à hora do almôço, no mesmo lugar.

Realmente, no dia e hora aprazados, Bolinha foi ao quarto de Catalão e, entregando-lhe os nove contos de réis, recebeu os vinte contos do ajuste, "contou e achou certa", mas não "guardou no bolso", como rezavam as escrituras de outrora, porque era dos estatutos da sociedade que o dinheiro fôsse entregue em envólucro amarrado, lacrado e carimbado em diversas partes com o carimbo da sociedade, operação que foi feita ali mesmo, em presença do interessado.

Nisto é que estava o lôgro. Carlos Meynard, que não comparecera à reunião, mas que ficara fora, de atalaia, quando ouviu bater com fôrça o carimbo (era a senha), bateu à porta do quarto de Catalão. Êste assustado, em vez de passar a Bolinha o pacote já preparado, contendo os vinte contos de réis, abriu a gaveta da mesa em que trabalhavam e atirou-o lá para o fundo, conservando-se sentado, aguardando a entrada de quem batera.

Aberta a porta, todos recuperaram a calma com a entrada de Meynard, que pediu desculpas de sua demora. Abrindo a gaveta, Catalão retirou um pacote, em tudo semelhante ao que acabara de preprar, entregando-o a Bolinha que o guardou numa bôlsa a tiracolo que então muito se usava.

Ansioso por sair dali, embora fôsse ainda cedo para ir tomar o trem, que partia às treze horas, Bolinha zarpou em busca da estação. Lá chegando, entre radiante e apreensivo, quis novamente mirar o dinheiro. Simulando uma necessidade fisiológica, foi ao gabinete reservado aos homens e aí abriu o pacote e... ó decepção! O dinheiro transformara-se em papel almaço, feito em tiras do tama-

nho das cédulas. Os quadrilheiros não tinham dinheiro falso. Eram apenas **vigaristas.**

Outro qualquer mais atilado ter-se-ia resignado com o prejuízo que não o levaria à miséria. Bolinha não. Pensou logo em ressarcir a perda de seus nove contos de réis. Com um canivete fêz um corte na bôlsa, de modo a dar passagem ao pacote e lá se foi à polícia queixar-se do roubo, declarando que tinha ido ao hotel para combinar definitivamente com Antônio Santos a projetada viagem à serra, e ali, no quarto ocupado por Catalão, onde fôra recebido, pusera a bôlsa sôbre a mesa, conservando a chave consigo; declarou mais que saíra do quarto por um instante com Antônio Santos e, ao voltar, apanhou a bôlsa, despediu-se e dirigiu-se para a estação da via-férrea. Só aí notara que bôlsa estava cortada, faltando o dinheiro que nela havia, substituído por aquêle maço de papéis.

Resultado: prisão de Catalão, Antônio Santos e Carlos Meynard. Processo crime. Pronúncia. Júri.

Foi patrono dos réus o jamais esquecido dr. Paulino Nogueira que, aliando à sua reconhecida eloqüência, uma dialética convincente, produziu uma defesa cabal e peremptória, conseguindo a absol--vição dos seus constituintes, que no dia seguinte foram postos em liberdade. O julgamento, bem nos recordamos, terminou alta noite.

* * *

Não sabemos que fim levaram Antônio Santos e Carlos Meynard. Catalão deixou-se ficar em Fortaleza, ainda fazendo parte da sociedade (!), tanto assim que teve papel saliente na adesão do Ceará à República, fato que constituiu uma das decepções que o novo regime reservara ao seu infatigável propagandista Júlio Cesar da Fonseca Filho, conforme seu depoimento na **Revista do Instituto** (1924).

Ainda em 1890, às vésperas da primeira eleição que se processou na república, quando foi efetuada a prisão de vários cidadãos sob o ridículo pretexto de conspirarem contra o govêrno, a polícia realizou também a prisão de Catalão. Dizia-se em Fortaleza que ao chegar a bordo do navio de guerra **Carioca,** onde já se achava detido o conselheiro Rodrigues Júnior, o meliante gritara e com ênfase — "Conselheiro, mais uma vítima da República!" O escroque pretendia equiparar-se ao velho e respeitável chefe liberal!

Daí por diante, nada mais sabemos sôbre Catalão, cujas façanhas têm sido objeto de escritos e referências de alguns publicistas cearenses.

O fato de que acima nos ocupamos não é único na história das chantagens ocorridas em nosso Estado, praticadas por forasteiros.

Em fins de 1887, ou já em 1888, chegava a Fortaleza um francês chamado Jean De Viremont, dizendo-se formado em ciências ocultas.

Não sabemos como, conseguiu de tal forma introduzir-se na sociedade da capital, a ponto de desfrutar imerecida importância. Raro o dia em que **O Libertador,** o jornal mais popular da época, redigido por Antônio Martins, Antônio Bezerra, João Lopes, Oliveira Paiva e outros tantos moços de talento, não continha uma nota gentil de referência ao "Dr. Viremont", contribuindo assim para o alargamento do círculo de relações do solerte francês. Chegou mesmo a ser incluído na Comissão Organizadora das solenidades com que o Ceará inaugurou a estátua do General Tibúrcio (8 de abril de 1888).

Depois de haver gozado imerecida consideração, o embusteiro foi, pouco a pouco, mostrando o que realmente era: um aventureiro, chantagista e jogador.

Em Quixadá, onde apareceu anos depois, dizendo-se comprador de couros de bode, vimo-lo mal vestido, desalinhado, procurando ler **buenas-dichas,** mediante alguns mil réis ou mesmo alguns tostões.

Depois desapareceu do Ceará.

É bem provável que em Fortaleza ainda existam várias pessoas que se lembrem da notoriedade do tal "Dr. De Viremont", como era chamado pelo **O Libertador.**

Ilhéus (BA), setº., 1946.